

Profissionais da retaliação

IPOJUCA PONTES

16 NOV 1989

A julgar pelas previsões das pesquisas e pela predisposição dos eleitores, já se tem como praticamente certas as indicações de Fernando Collor de Mello, de um lado, e Leonel Brizola ou Luiz Inácio Lula da Silva, de outro, como prováveis vencedores do primeiro turno das eleições presidenciais de 1989. Alguns observadores, mais elásticos, admitem a possibilidade, ainda que remota, de Mário Covas ou Paulo Maluf substituírem os candidatos do PDT e PT, respectivamente. Mas, como já foi dito, são apenas possibilidades remotas — e nada mais.



Pensando bem, talvez assim seja melhor. A vitória, neste primeiro escrutínio, de dois candidatos considerados da direita, ou da esquerda, conjuntamente, poderia levar à radicalização de opostos, cujos resultados seriam desde logo previsíveis: de um lado, no mínimo, a desconfiança e fuga preconizadas por Mário Amato e, de outro, na melhor das hipóteses, uma onda de greves e protestos, que tornariam ainda mais delicada a vida da Nação. Numa perspectiva otimista, com a vitória de uma ou outra tendência, no segundo turno, o ideal seria esperar o estabelecimento de um governo de coalizão, capaz de, através da harmonia possível, livrar o País da mixórdia a que está submetido.

O exemplo recente da Itália nos leva a reflexão obrigatória. Dilacerado pela decomposição da democracia-cristã e pela prolongada crise econômica, o país peninsular, alheio ao diálogo entre as tendências políticas opostas, caiu na multiplicidade dos atentados à bomba, na violência dos seqüestros e atos de sabotagens,

na carência dos gêneros de primeira necessidade e na total ineficiência da máquina administrativa do Estado. De fato, durante tempo considerável, a Itália, sob o domínio das Brigadas Vermelhas, tornou-se o cenário da Europa, algo de fazer inveja a qualquer republiqueta latino-americana. Tudo se deu num crescendo insuportável até que as partes em confronto, através de Aldo Moro e Enrico Berlinguer, resolveram afinal firmar acordo conjunto como única saída para a crise que se fazia crônica. Pode-se acrescentar que custou fazer o pacto funcionar, e ele fez suas vítimas, entre elas o próprio primeiro-ministro Aldo Moro, brutalmente assassinado por membros das Brigadas Vermelhas. Mas o resultado do acordo, depois de alguns anos de adversidade, foi a quebra da inflação, o restabelecimento da ordem pública, o aumento da produtividade e da oferta de emprego — o que fez da Itália um dos países mais prósperos da Europa e, hoje, comprovadamente, a quinta potência industrial do planeta.

Aqui e agora, no entanto, a harmonia necessária — e possível — à vida brasileira parece, desde já, coisa problemática

nas cabeças de Brizola e Lula, os dois arautos da retaliação. A simples audiência da charla ressentida de Brizola, por exemplo, ou um mínimo de atenção à arenga de Lula, contaminada pelo ódio pequeno, nos leva a acreditar no pior. O primeiro, filho de Vargas ditador, populista convicto e caudilho por vocação, só pensa em se apoderar do governo central para nos impor o estatismo irresponsável contido no folclórico "socialismo moreno", uma ofensa à ciência administrativa. O segundo, ventríloquo primário, dono de retórica arrogante, faz da truculência ideológica uma espécie de ariete contra tudo o que lhe é impossível compreender. Os dois, Brizola e Lula, ni-

**O País
precisa de
entendimento,
paz e
austeridade**

velados pela mesma sede de poder, querem fazer do voto popular, às portas do século XXI, um instrumento de retorno ao medievo, justamente na hora em que a humanidade se abre para a paz e o entendimento.

Sim, é preciso refletir. Podemos estar enganados, e que Deus assim o permita. Mas, de fato, que outra coisa se pode deduzir dos métodos adotados pelas massas ensandecidas do PT ao agredir Marília Pêra e os espectadores do seu teatro, a não ser o vislumbre do horror? Que ilação pode tirar alguém civilizado do permanentemente espetáculo de violência e medo que impera em espaço do centro do Rio de Janeiro reconhecido pela denominação algo fanática de Brizolândia, senão a de que podemos estar diante de futuros quartéis das SA idênticos aos criados pelo delírio nazista? Mais: que se pode extrair da deplorável e crescente troca de insultos entre candidatos que se autodenominam "progressistas" (na base das acusações mútuas de "pisar o pescoço da mãe" e de "cachaceiro despreparado"), mas que, de fato, não passam de retrógrados recalci-trantes a reboque do autoritarismo e do corporativismo hoje repudiados em gênero, número e grau, em todas partes do mundo?

No resumo da ópera, quaisquer que sejam os resultados da presente eleição presidencial, é bom que os vencedores — à direita ou à esquerda — reconheçam que o País precisa de paz, entendimento e austeridade para vencer a miséria que se alastra, a inflação que desmoraliza diariamente a moeda e, sobretudo, a deterioração da máquina estatal que, no Brasil, além de corrupta e incompetente, se fez peso insuportável às costas do capital e do trabalho.

Fora de tal compreensão, continuaremos todos à mercê da ignorância e da demagogia, infensos ao progresso real e condenados, pela polarização da radicalidade política, a sanha dos eternos profissionais do confronto.

Ipojuca Pontes é jornalista e cineasta